

Terceira liña: As tres letras *ANN* preséntanse enlazadas de xeito confuso. O *L* está formado por dous trazos ligeiramente unidos. No caso en que se pensase que o trazo horizontal non formaba un *L* habería que leer *Ann (orum) X*; mais ficaría dito trazo sen funcion algunha.

Trátase, pois, de un epigrafe funerario de época romana, procedente da necrópoli castreja, que se utilizou, pasados os anos, na feitura de un muro moderno pra cuia adaptacion houbo de se romper a pedra.

As letras son de tamaño variabre. As mais grandes serían as das siglas *D.M.S.*, que estan incompretas. Das conservadas intactas, oscilan entre 6,25 centímetros de altura que ten o *R* na terceira liña, ata os 4,90 centímetros da *N* final da mesma liña. As demais están entre os 5 sen chegar aos 6 centímetros.

FERMIN BOUZA BREY
Santiago de Compostela

Nótulas sobre a Festa dos Reis

A Festa dos Reis, que teve grande nomeada e em muitas terras ainda continua a ter, celebra-se nos dias 6 e 7 de Janeiro.

Como é sobejamente conhecido um grupo de gente moça combina ir pedir os Reis e, depois que anoitece, eles aí vão de porta em porta cantando quadras laudatórias aos donos da casa e das suas pessoas de família. Muitas vezes as cantigas são acompanhadas por tocata.

Na Quinta de S. Pedro, pequenina aldeia anexa da freguesia de Meirinhos do concelho de Mogadouro, distrito de Bragança, durante muitos anos passei as férias do Natal. Ali temos alguns olivais e amendoeiras.

Era certo e sabido que todos os anos nos vinham cantar os Reis, especialmente na noite do dia 6, isto é, na véspera do dia de Reis.

Com as notas e apontamentos que ia colhendo darei notícia de algumas quadras que ali me cantaram à porta da minha casa.

Em 6 de Janeiro de 1963 vieram cantar os Reis uma meia dúzia de rapariguitas entre as quais três filhas de nossos serventuários. Começaram assim:

*Estamos aqui
Neste dia de Reis
A pedir licença
Para lhe cantar os Reis.*

Mantiveram-se caladas algum tempo, coisa talvez de meio minuto, depois do que a cantilena prosseguiu com quadras alusivas a mim e aos meus familiares.

*Viva lá o senhor Doutor
Raminho de laranjeira,
Inda anda neste mundo
Já no céu tem a cadeira.*

*Viva lá a senhora D. Judite
Raminho de salsa crua,
Quando vai para a igreja
Alumia toda a rua.*

*Viva lá o senhor Norberto
Casaquinho de veludo,
Quando vai pela rua abaixo
Logo imperfuma tudo.*

O remate foram mais duas quadras alusivas aos donos da casa

*Viva lá o senhor Doutor
Vestidinho de vermelho,
É o homem mais honrado
Que passeia no concelho.*

*Viva lá a senhora dona Judite
Nós não queremos ficar mal.
Vivam os senhores desta casa
Vivam todos em geral.*

As rapariguitas foram brindadas com figos e nozes.

Na mesma noite de 6 de Janeiro de 1963 um grupo de três rapazes veio cantar os Reis à nossa porta.

Os versos e a música foram diferentes.

*Bom dia (sic) senhor Doutor
Que bem lhe fica o chapéu,
Fica-lhe tão bem, tão bem!
Com'ós anjinhos do céu.*

*Arcanjos, arcanjos,
Além
Ao Deus Menino
Que nasceu em Belém.*

*Se nos querem dar os Reis
Não nos estejam a demorar,
Nós somos de longes terras,
Temos caminhos a andar.*

*Arcanjos, arcanjos,
Além
Ao Deus Menino
Que nasceu em Belém.*

Mandamos entrar os rapazes para lhe dar os Reis. Soubemos então que eram da Açoreira, aldeia do concelho de Moncorvo que fica por trás da Serra do Roboredo. Estavam com o pai em S. Pedro que ali estava a trabalhar de latoeiro.

Ao despedirem-se disseram:

«D'hoje em bem anos que nos torne a dar os Reis.»

No dia 6 de Janeiro de 1966 os Reis foram-nos cantados com nova modalidade. Às quadras cantadas foram as seguintes:

*Quem diremos nós que viva
Na folhinha do loureiro?
Viva lá o senhor Doutor
Que é um grande cavalheiro.*

*Quem diremos nós que viva
Na folhinha da oliveira?
Viva lá a senhora dona Judite
Que é uma grande cavalheira.*

*Quem diremos nós que viva
No grãozinho do arroz?
Viva lá o senhor Norberto
Por muitos anos anos e bôs.*

*Quem diremos nós que viva
Na folhinha do lodão?
Viva o Manuelzinho
Que é um grande cidadão.*

*Quem diremos nós que viva
Na còpinha do chapéu?
Viva lá o menino Jorginho
Que é um anjinho do céu.*

*Quem diremos nós que viva
No ramo de salsa crua?
Viva lá a menina Mizinha
Que alumia toda a rua.*

e a cantata terminou com a seguinte quadra:

*Quem diremos nós que viva
Na folha do laranjal?
Para nós não há diferença
Vivam todos em geral.*

Quer em S. Pedro quer em outras aldeias da freguesia de Meirinhos, e das freguesias vizinhas, é corrente iniciarem a cantilena dos Reis com a seguinte quadra:

*Quem vos vem cantar os Reis
De noite pelo escuro,
De certeza quer provar
Desse seu vinho maduro.*

Aliás quase sempre os cantantes dos Reis são convidados a entrar, sobretudo quando se trata de adultos e de pessoas amigas, e sempre se bebe uma pinga.

Na Quinta de S. Pedro quando cantam os Reis a uma casa e ali nada lhe dão, afastam-se e vão cantando:

*O sobreiro da calçada
Já não volta a dar bolotra
Venham-nos a dar os Reis
Senão defecamos-lhe à porta.*

Substituímos pela palavra erudita defecar o vocábulo, considerado soez, com que o povo, correntemente, refere a expulsão dos excrementos.

Em várias aldeias do leste trasmontano o grupo que vem pedir os Reis grita alto: «Cantaremos nós?» Ficam à espera. Se ninguém aparece cantam.

Se porém os donos da casa não estão na disposição de dar, mandam alguém à porta pôr o grupo a andar.

Então o grupo afasta-se e vai cantando alto:

*Cantamos e cantaremos,
Voltaremos a recantar.
Estes barbas de farelos
Não tem nada p'ra nos dar.*

No entanto, e por via de regra, todos dão, uns mais outros menos.

Instituto de Antropologia «Dr. Mendes Correia»
Faculdade de Ciências — Porto
Fevereiro de 1973

SANTOS JÚNIOR